

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**SUZANNA VARELLA BARROS**

**IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE DEKASSEGUI: A  
PLURALIDADE NA SINGULARIDADE**

**RECIFE  
2015**

**SUZANNA VARELLA BARROS**

**IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE DEKASSEGUI: A  
PLURALIDADE NA SINGULARIDADE**

Monografia apresentada à  
Faculdade Damas da Instrução Cristã -  
FADIC, como requisito para obtenção do  
título de Bacharel em Relações  
Internacionais.

**Orientadora: Prof. Dra. Luciana Campelo de Lira**

**RECIFE  
2015**

**Barros, Suzanna Varella.**

**Imigração japonesa e identidade de kassegui: pluralidade na singularidade. / Suzanna Varella Barros. – Recife: O Autor, 2015.**

**55 f.**

**Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Campelo de Lira.**

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã. Trabalho de conclusão de curso, 2015.**

**Inclui bibliografia.**

**1. Relações Internacionais. 2. Japonês. 3. Terras brasileiras. 4. Pluralidade. 5. Resiliência. 6. Dekasseguis**

**327 CDU (2.ed.)  
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas  
TCC 2015-547**

**SUZANNA VARELLA BARROS**

**IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE DEKASSEGUI: A  
PLURALIDADE NA SINGULARIDADE**

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nota: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Orientadora: Luciana Campelo de Lira  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

---

Prof. Jeanete Viegas  
**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus que tornou tudo possível, a meus familiares que sempre me apoiaram, à minha filha Maria Cecília e aos meus amigos que me ajudaram nessa jornada.

Gostaria de agradecer a Professora aposentada Regina Magalhães pela dedicação e carinho. Aos professores orientadores, pela paciência, parceria e amizade, em especial aos professores Pedro Gustavo Cavalcanti Soares e Jeanete Viegas que compõem esta banca.

## RESUMO

O eixo da temática apresentado neste estudo está na convivência entre brasileiros e japoneses no decorrer de dois séculos. Destacou-se a busca incessante desses imigrantes pela identidade e por um Estado-nação, que os acolhessem, em um país diferente. Após encontrarem diversas dificuldades de adaptação em um país com costumes, língua e tradições distintas, além da negativa receptividade dos nativos, observou-se que a luta prevaleceu, mesmo diante dos obstáculos encontrados. Com uma cultura milenar de resiliência, oscilando entre a os indivíduos e as colônias, no viver em terras brasileiras, prepararam-se bravamente para conviver com as consequências de uma imigração adotada com reservas e com rejeição. Mesmo com todos transtornos encontrados, poderemos notar o surgimento das colônias e seu crescimento, possibilitando crescimento econômico não somente para os imigrantes, como também para o Brasil, em diversos momentos de crise econômica, como a crise de 1929. Desenvolveram e criaram diversos produtos ainda são comercializados. No decorrer das décadas, com o nascimento dos descendentes desses imigrantes em território brasileiro, que decidem migrar para o Japão como dekassegui em busca de oportunidade de trabalho. Em seguida, nos deparamos com os filhos dos dekasseguis nascidos em território japonês, desta forma, iremos verificar o processo histórico e como é construído essa identidade através de uma pluralidade de sentimentos na singularidade de cada indivíduo.

**Palavras-Chave:** Japonês, Terras Brasileiras, Singularidade, Pluralidade, Resiliência, Dekasseguis.

## ABSTRACT

The axis of the issue presented in this study is the interaction between Brazilian and Japanese in the course of two centuries. The relentless pursuit of these compatriots stood out for identity and a nation-state, to be received in a different country. After finding several difficulties of adaptation in a country with habits, language and distinct traditions, in addition to negative receptivity of the natives, it was observed that the fight prevailed, despite the obstacles encountered. With an ancient culture of resilience, oscillating between individuals and colonies in live on Brazilian soil, bravely prepared to live with the consequences of immigration adopted with reservations and rejection. Even with all disorders found, we notice the emergence of colonies and their growth, enabling economic growth not only for immigrants but also for Brazil, at different times of economic crisis, as the crisis of 1929. They developed and created several products that are still marketed. Over the decades, with the birth of the descendants of these immigrants born in Brazil, who decide to move to Japan as Dekassegui in search of job opportunities. Then we came across the children born of dekasseguis in Japanese territory, this way, we will verify the historical process and how that identity is constructed through a plurality of feelings in the uniqueness of each individual.

**Key Words:** Japanese, Brazilian Lands, Singularity, Plurality, Resilience, Dekasseguis.

## SUMÁRIO

Introdução.....	09
Resumo.....	04
Abstract.....	05
Lista de ilustrações.....	07
Siglário.....	08
1. Imigração Japonesa.....	12
1.1. Necessidade de Migrar.....	12
1.2. Colônia Japonesa Pós- Segunda Guerra Mundial.....	14
1.2.1. Xenofobia.....	16
1.2.2. Um País Dentro de Outro País.....	17
1.2.3. Surgimento das Colônias em Meio às Identidades Múltiplas.....	19
1.2.4. Surgimento das Cooperativas: parceria sobrevivência e nacionalidade.....	22
1.2.5. Era Vargas e Segunda Guerra Mundial: o sentimento antinipônico.....	24
1.3. Colônia japonesa Pós-segunda guerra.....	28
2. A Teoria Sobre Nação e Raízes do Sentimento de Nacionalidade.....	30
2.1. O Surgimento do Termo Nação.....	30
2.2. Nacionalismo: Sentimento de Pertencimento a uma Nação.....	33
2.3. Concepção Contemporânea do Nacionalismo.....	35
3. Movimento <i>dekassegui</i> : questões de identidade, ida ou volta à terra de seus ancestrais.....	41
3.1 Descendentes de japoneses nascidos fora do território japonês.....	41
3.2. Movimento <i>dekassegui</i> .....	43
3.2.1. Início da década de 1980.....	45
3.2.2. Final da década de 1980 e início da década de 1990.....	47
3.2.3. Década de 1990.....	48
3.2. A identidade japonesa em uma formação rochosa.....	48
3.4 Globalização e paradigma da transnacionalidade.....	49
Considerações finais.....	51
Referências Bibliográficas .....	53

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Distribuição dos Imigrantes de 1908 nas Fazendas.....	19
<b>Quadro 1:</b> Visitas de inspetores de ensino às escolas japonesas de Santos.....	24

## **SIGLÁRIO**

**CAC** – Cooperativa Agrícola de Cotia

**FHC** – Fernando Henrique Cardoso

**ONU** – Organização das Nações Unidas

## INTRODUÇÃO

O nosso estudo teve como foco o traumático processo migratório japonês para o Brasil e a tentativa singular e permanente de manter a cultura de seus ancestrais, apesar de terem convivido com a pluralidade de sentimentos como imigrantes nas terras brasileiras. Destacando as dificuldades encontradas nos processos migratórios, tanto na adaptação, quanto na construção de sua identidade.

Foi possível notar que cada geração possui relações diferentes com seus ancestrais, e a cada nova geração ocorre o afastamento e a não necessidade de manter as tradições. Os *dekasseguis*, assim chamados os descendentes de imigrantes japoneses nascidos fora do território japonês, encontrando o Japão como uma nova oportunidade de trabalho. Ao chegarem no Japão se deparam com um país completamente diferente do que aprenderam com seus ancestrais, criando o sentimento de estrangeiros no Japão, assim como no Brasil.

Neste contexto, surgem diversos questionamentos a respeito da identidade dos *dekasseguis*, de qual seria sua verdadeira origem. Termos como *homeland* serão levantados. Surge uma nova geração, os filhos desses *dekasseguis* nascidos no Brasil e que retornam ao Japão. Veremos, inclusive, alguns relatos de *dekasseguis*, para nos ajudar a analisar como é construída essa identidade.

No primeiro capítulo, abordamos desde a necessidade do Japão de enviar seus cidadãos para terras estrangeiras em busca de novas oportunidades e melhores condições de vida, e por outro lado a carência de mão-de-obra no Brasil, no decorrer da abolição da escravatura, levando o país a trazer imigrantes para suprir a carência de produção das fazendas.

É possível notar que no decorrer do processo migratório, no período de adaptação e de isolamento japonês, surgiram as colônias japonesas passando a ser a terra japonesa fora do Japão, pois eram cultivados sua cultura, língua, culinária e costumes. Pois a princípio o objetivo era de permanecer no Brasil temporariamente.

No segundo capítulo, a pesquisa procurou entender, sobretudo, a ideia de Nação e de Estado nacional que honraram, permanentemente, por meio do patriotismo espontâneo, impregnado no íntimo de uma pequena coletividade, mesmo distante de sua pátria. Analisamos o processo da convivência, em um país

com cultura diferente e com momentos de ausência de conexão humanística, coletiva e solidária, como é a xenofobia e o racismo.

Destacamos o posicionamento de teóricos que, em diferentes momentos históricos, questionaram o sentimento de pertencimento do indivíduo, os laços afetivos, e o compartilhamento das mesmas tradições, dando ênfase a questão e posição do indivíduo em um determinado grupo pelo qual mais se identifica, e possui laços afetivos.

Também foram abordados, o relacionamento entre grupos diferentes, as relações e reações quando se trata de um grupo oposto. Quando existe o aceitação e receptividade positiva, também por outro lado, quando é caracterizado pelo preconceito negativo pelo indivíduo estrangeiro, podemos citar questões como racismo e, em casos mais agravantes a xenofobia.

Em seguida, outra questão é levantada, a real nacionalidade desse migrante, pois o Japão “conhecido” é o relatado por seus parentes, e ao chegar às terras japonesas ele se depara com um país completamente diferente, industrializado, tecnológico e globalizado. Neste contexto, o sentimento de ser estrangeiro é exaltado e surge a concepção de se sentir “brasileiro no Japão”. Porém, em terras brasileiras, sempre foram apontados como estrangeiros, e esse sentimento de ser “japonês no Brasil” é evidenciado desde o nascimento dos primeiros descendentes.

No capítulo três, direcionamos nossa análise para a crise de reconhecimento, com o paradoxo da frustração e da surpresa, com os nativos, quando os japoneses foram em busca de identificação com seus antepassados. Após um século da imigração japonesa no Brasil, o quadro migratório inverte, e os brasileiros descendentes de japoneses migram para o Japão em busca de novas oportunidades, sendo para trabalho temporário ou não, se deparam, primeiramente, com a xenofobia japonesa, que se manifesta mesmo diante do fato desses imigrantes terem sido educados com base na cultura japonesa e possuem laços de parentesco.

É possível notar que após esse processo invertido de migração, com a ida de *dekasseguis* para o Japão, nasceram os filhos desses *dekasseguis* em território japonês, podemos notar uma nova geração de descendentes, onde é levantado questionamentos de pertencimento e de identidade nacional.

Com isso, serão abordados diversos fatores que influenciam e fazem parte da construção da identidade desses descendentes de imigrantes, pois cada um em sua particularidade desenvolve sua identidade individualmente. Desenvolveremos a construção da identidade através da pluralidade de sentimentos na singularidade de cada indivíduo.

# A IMIGRAÇÃO JAPONESA E IDENTIDADE DEKASSEGUI: A PLURALIDADE NA SINGULARIDADE

Suzanna Varella Barros<sup>1</sup>

## 1. Imigração Japonesa

### 1.1. Necessidade de migrar

Em princípio, é necessário destacar os motivos que provocaram a imigração japonesa para o Brasil.

Uma das principais causas dos processos migratórios é a necessidade de novas oportunidades de trabalho, com melhores condições financeiras e padrões de vida mais confortáveis. A falta de oportunidade de trabalho e de possibilidade de pelo menos manter um padrão de vida estável em seu território nacional ou escassez de mão de obra em outro país geram os maiores fluxos de pessoas.<sup>2</sup>

Os movimentos migratórios na maioria dos casos são motivados em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Com a vinda de imigrantes para o território nacional, é possível notar a influencia estrangeira na cultura, tradições e costumes, e o surgimento de novos costumes, tornando uma população mistificada. Desta forma, podemos notar que o processo migratório tem crescido e avançado no decorrer dos anos e com a influência da Globalização. De acordo com o censo demográfico do IBGE em 1991, a população brasileira consistia em 146.825.475 cidadãos. Porém estima-se que dessa população 1.280.000 são descendentes de japoneses, desta forma é possível notar que 1% da população é constituída por nikkeis, sendo considerada a maior colônia japonesa fora do Japão.<sup>3</sup>

No século XIX, a economia brasileira era agrícola e marcada pelo monopólio cafeeiro. O país era completamente dependente do café e sua mão de obra era exclusivamente composta por escravos. Porém, em 1888, por meio de pressões políticas, o governo aboliu a escravidão, gerando a falta de mão de obra destinada a essa produção. Mesmo antes de a escravidão ter sido oficialmente abolida, o governo procurou suprir essa falta com a entrada de imigrantes europeus. O

---

<sup>1</sup> Bacharelada em Relações Internacionais pela Faculdade Damas da Instrução Cristã.

<sup>2</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>3</sup> Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB,1990). *Pesquisa da População de descendentes de japoneses residentes no Brasil, 1987-1988*.

problema era que as condições de trabalho eram tão precárias, o que incluía uma carga horária condizente com os padrões de trabalho escravo, que resultou em uma atitude radical de países como a Itália e a França, os quais suspenderam a emigração de seus cidadãos para o Brasil. Com a ausência desses trabalhadores surgiu como alternativa os imigrantes asiáticos.

Neste período, o mundo judaico cristão estava imbuído de grande preconceito contra povos e nações orientais. Além disso, as teorias raciais da época consideravam a raça branca superior às demais e defendiam que a mistura entre indivíduos racialmente distintos geraria a “decadência” de povos e nações. Por este motivo, negros e asiáticos não eram bem vindos ao Brasil.

Porém, em razão da uma enorme carência de trabalhadores no país, o governo brasileiro não estava em condições de fazer exigências e foi cogitada a vinda de imigrantes japoneses em 1880.

Cumprir lembrar que o Japão havia se mantido isolado do resto do mundo por mais de dois séculos (século XXVII e XXVIII), sob o comando dos Xóguns da família Tokugawa.<sup>1</sup>

Sua economia era praticamente toda feudal, com o sistema agrário completamente dependente do cultivo do arroz, o país se encontrou ultrapassado em relação às demais nações ocidentais que, neste mesmo período, já haviam desenvolvido seu setor industrial e tecnológico e estavam conquistando colônias na África e na Ásia.

No ano de 1854, o governo de Xoguna se sentiu pressionado a ceder a abrir os portos japoneses, por meio do uso de canhões dos navios ingleses e americanos e foram forçados a conceder privilégios comerciais aos demais países. Com essa entrada comercial estrangeira ocorreu uma crise interna, pois o país não tinha como competir igualmente com o mercado externo que se inseria no território nacional.<sup>2</sup>

O problema foi que com a revolta da população, o país entrou em guerra civil, finalizada em 1868, culminando com a vitória da população, que defendia a

---

<sup>1</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>2</sup> *Idem ibidem*.

modernização japonesa com base no desenvolvimento ocidental, visando à volta do poder ao imperador, iniciando-se assim a Era Meiji (1868-1912).<sup>3</sup>

Em linhas gerais, a modernização Meiji, em 20 anos, trouxe um grande crescimento ao país, gerando grandes oportunidades para a aristocracia, fazendo a burguesia crescer e enriquecer com a industrialização e os recursos vindos do Ocidente. Mesmo com este crescimento burguês, apenas uma pequena parte da população cresceu com estes recursos. O problema mais grave era que a grande maioria da população japonesa era constituída por camponeses, que eram obrigados a pagar impostos crescentes, levando muitas famílias à miséria.

Este estado de tensão social de muitas famílias fez com que essas fossem buscar novas oportunidades de emprego, migrando para as cidades, como a ilha de Hokkaido, no extremo norte. Porém, neste período, o Japão encontrou outra grande dificuldade: a superpopulação, deixando o governo sem opções a não ser emigrar seus cidadãos.

Iniciou-se em 1883 a primeira imigração oficial de japoneses, cujo destino foi Austrália, buscando trabalho na pesca de pérolas. Posteriormente, em 1885, ocorreu um avanço na emigração japonesa pela busca de melhores oportunidades de vida. Foi quando parte dos migrantes passou a se deslocar também para o Havaí e, em seguida, para os Estados Unidos, Canadá e Peru.<sup>4</sup>

Em 1895, o Brasil e o Japão finalmente assinaram um tratado em que passaram a desenvolver relações diplomáticas, dando início às negociações para entrada de imigrantes japoneses.<sup>5</sup> Mesmo com a distância e a insatisfação da população receptora, os japoneses encontraram no Brasil a possibilidade de constituir uma nova vida fora de sua terra natal, processo que teve início no final do século XIX.

## 1.2. Chegada dos japoneses ao Brasil

Com culturas completamente diferentes, hábitos alimentares, línguas e religiões divergentes, houve um grande impacto entre os dois povos desconhecidos:

---

<sup>3</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>4</sup> *Idem ibidem*.

<sup>5</sup> *Idem ibidem*.

brasileiros e japoneses. Registre-se que os primeiros possuíam um forte preconceito contra os nipônicos.

O inspetor de imigrantes do Estado de São Paulo, J. Amândio Sobral (1908), em seu texto redigido no jornal Correio Paulistano do dia 26 de junho de 1908, chamou a atenção devido à surpresa de seus relatos, contrariando as expectativas dos nativos quanto aos imigrantes. Expressando suas opiniões, Sobral elogia o comportamento e a aparência se referindo à limpeza dos japoneses. Em sua descrição sobre o tema, comenta que se apresentavam como “gente de humilde camada social do Japão”, mas que “houve em Santos quem afirmasse que o navio japonês apresentava em sua 3ª classe mais asseio e limpeza que qualquer transatlântico europeu de 1ª classe”.<sup>6</sup>

De acordo com Sobral (1908), após desembarcarem do trem, com destino a São Paulo, os japoneses:

Têm feito as suas refeições sempre na melhor ordem e, apesar de os últimos fazerem duas horas depois dos primeiros, sem um grito de gaiatice, um sinal de impaciência ou uma voz de protesto (...) surpreendeu a todos o estado de limpeza em que ficou o salão: nem uma ponta de cigarro, nem um cuspo, perfeito contraste com as cuspidadeiras e pontas de cigarro esmagadas com os pés de outros imigrantes (SOBRAL, 1908,p.8).

Sobral (1908) observou os pertences dos imigrantes, dizendo que “*não parece bagagem de gente pobre, contrastando flagrantemente com os baús de folha e trouxas dos nossos operários*”. Sabia das condições dos japoneses, vindos para as terras brasileiras, que vieram com o objetivo de trabalho, já que o Japão estava passando por uma crise de superpopulação, porém se surpreendeu com a educação e a dignidade dos japoneses. Das bagagens que traziam, muitos trouxeram livros, mesmo que cerca de 13% dos japoneses que vieram fossem analfabetos.<sup>7</sup> Foi notado ainda que, mesmo com toda a pobreza, trouxeram o que acharam indispensável para uma vida longe de seu país de origem. Ainda, no final de seu relatório, acrescentou um interessante aspecto da cultura nacional japonesa:

[...] os empregados da alfândega declaram que nunca viram gente que venha, com tanta ordem e com tanta calma, assistido à conferência de suas bagagens, e nem uma só vez foram apanhados em mentira. Se esta gente, que é todo trabalho, for neste o que é no asseio, (nunca veio pela imigração gente tão asseada), na ordem e na docilidade, a riqueza paulista terá no

---

<sup>6</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos.** Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>7</sup> *Idem ibidem.*

japonês um elemento de produção que nada deixará a desejar. A raça é muito diferente, mas não inferior. Não façamos, antes do tempo, juízos temerários a respeito da ação do japonês no trabalho nacional. (SOBRAL, 1908, p.8).<sup>8</sup>

Essas observações de comportamento cultural, posto em prática ao chegarem a um destino desconhecido, constituiu, de qualquer forma, um exemplo positivo para os brasileiros, que nem sempre corresponderam, com gestos de solidariedade e gentileza, aos imigrantes recém-chegados ao país.

### 1.2.1. Xenofobia

O termo Xenofobia é de origem grega: “*Xenós*” significa estrangeiro e “*phóbos*” se refere a medo, que pode ser descrito como temor de pessoas e/ou coisas estrangeiras, isto é, de fora de sua nação. A xenofobia também pode ser caracterizada como preconceito ou como um tipo de doença, em suma, um transtorno psiquiátrico.<sup>9</sup>

As manifestações desse sentimento geralmente são através de ações de ódio e de discriminação a indivíduos estrangeiros. Certamente, há em alguns indivíduos a intolerância e a aversão por pessoas nascidas em outros países, ou de diferentes culturas, desencadeando variadas manifestações comportamentais negativas.

Porém, pode-se afirmar que nem toda atitude de discriminação é xenofobia. Existe também uma diferença entre racismo e xenofobia, mesmo com a semelhança de discriminação referente a alguém. O primeiro se refere ao preconceito à “raça”, mesmo com indivíduos de seu próprio país. Já a xenofobia é a discriminação de cidadãos nascidos ou criados fora do país da pessoa com aversão a estrangeiros.

Como pode ser analisado neste capítulo, um forte exemplo desses comportamentos no contexto histórico do processo de imigração japonesa, devido à necessidade de sair de seu país, oriundo à política expansionista. É possível enfatizar que esta fase incandescente de fuga da pátria e também como esses acontecimentos afetaram toda a sua população, tanto aos migrantes japoneses, quanto aos seus familiares, que ficaram no Japão e, ainda, aos descendentes de japoneses nascidos em colônias japonesas em outros países.

---

<sup>8</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos.** Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>9</sup> TOBACE, Ewerthon. <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908\\_discriminacao\\_etnic\\_a\\_japao\\_et\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908_discriminacao_etnic_a_japao_et_rm)> Acesso em 13 de julho de 2015.

Neste contexto, pôde-se observar, ao mesmo tempo, a ocorrência da ascensão de seu nacionalismo e a exclusão dos mesmos em colônias japonesas cultivadas fora do Japão. A verdade é que ocorreram questões sobre racismos, dificuldades de adaptação e de aceitação da população receptora desses imigrantes. Por outro lado, há questões importantes a serem comentadas sobre a participação do Japão na Segunda Guerra Mundial e como os japoneses presenciaram e reagiram a este momento.

Todos estes comportamentos tornam pertinentes perguntas como: e após todo esse período de guerras, como estão as colônias japonesas atualmente? Ainda existem? E os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão e criados com a cultura japonesa cultivada pelos seus familiares, qual é a sua real origem? Advinda do Japão ou do Brasil? Ou nenhuma das duas opções?

### **1.2.2. Um país dentro de outro país**

A princípio, os japoneses não pretendiam permanecer em terras brasileiras por muito tempo, pois a intenção era ficar por cinco anos, mesmo sabendo que teriam de trabalhar muito, que encontrariam dificuldades para se comunicar com familiares, porém a esperança de poder juntar moeda e retornar para seu país de origem manteve-os firmes e determinados.

Vale notar que os imigrantes eram trazidos por meio de agências, com a participação dos governos para estabelecer regras de envio e recebimento de migrantes. Outro fator interessante é que essas agências eram empresas privadas, que possuíam lucros atrativos, fazendo com que, crescentemente, aparecessem concorrentes. Porém, com o objetivo de atrair maiores números de imigrantes, estas empresas aplicavam propagandas que, em muitos casos, eram ilusórias. No Brasil, como exemplo, descreviam o café como “a árvore que dá ouro”.<sup>10</sup>

Logo em seguida, os imigrantes passaram a perceber que foram iludidos, que a realidade das condições de vida no país haviam sido “maquiadas”. O primeiro grupo vindo ao Brasil foi composto de setecentos e oitenta e uma pessoas, em 1908, no navio Kasato Maru. Esses cidadãos foram instalados em seis fazendas.

---

<sup>10</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

As moradias oferecidas pelos fazendeiros eram as antigas senzalas, habitadas anteriormente pelos escravos, que haviam sido abandonadas anos atrás e se encontravam em estado deplorável. Apresentavam-se sem piso, sem móveis e sem paredes. Também não havia água e nem instalações sanitárias. Para obter luz ou alimentação, teriam que comprar no armazém da fazenda. Os alimentos disponíveis para o consumo eram limitados, tais como: feijão, milho, carne, dentre outros, que não participavam do cardápio japonês e, por isso, encontraram dificuldades tanto para o consumo quanto para o preparo.<sup>11</sup>

Como no Brasil não era hábito cultivar nem soja e nem verduras, os japoneses tiveram a necessidade de cultivar plantas que foram encontradas no campo, dentre elas, o picão e o caruru. Neste cenário, com carência de moradia e de alimentação, a desnutrição se tornou um problema além de outras doenças que afetou a população japonesa no Brasil, levando, inclusive, algumas dessas pessoas a óbito.<sup>12</sup>

Existia um grande desentendimento entre os imigrantes e os fazendeiros, pois surgiram muitas divergências ligadas sobretudo às diferenças culturais entre os dois grupos: língua, cultura e costumes, ocasionando assim, diversos conflitos. Constantemente, os japoneses eram fiscalizados em seus trabalhos pelos “capitães-do-mato” e “capangas” armados, que demonstravam a desconfiança dos fazendeiros e o desejo de fazê-los prisioneiros.<sup>13</sup>

Como tudo o que consumiam, principalmente alimentos, eram obrigados a comprar nos armazéns das fazendas ao final do mês ao invés de receberem seus salários, se tornavam devedores dos fazendeiros, devido aos preços altos das mercadorias cobrados pelo armazém. E como só podiam consumir os produtos de lá, ficavam subordinados a esta situação. Colocados em um plano de miséria e correndo risco de vida, a maioria dos japoneses fugiu das fazendas em busca de oportunidade em outras profissões.<sup>14</sup>

Segue abaixo a tabela que mostra a distribuição dos imigrantes japoneses nas fazendas na primeira fase do processo migratório:

---

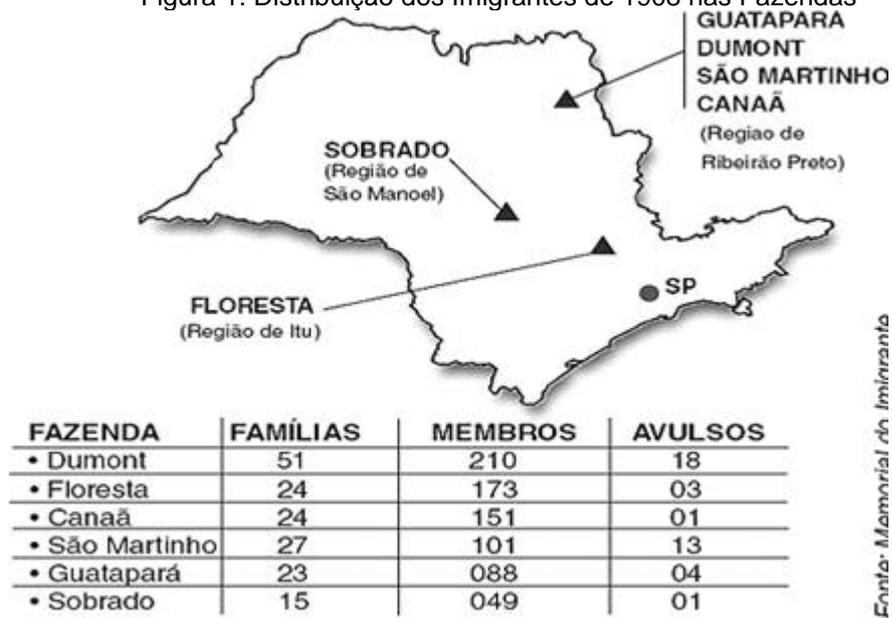
<sup>11</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos.** Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>12</sup> *Idem ibidem.*

<sup>13</sup> *Idem ibidem.*

<sup>14</sup> *Idem ibidem.*

Figura 1: Distribuição dos Imigrantes de 1908 nas Fazendas



Fonte: (MEMORIAL DO IMIGRANTE, 2014)

### 1.2.3. Surgimento das colônias em meio às identidades múltiplas

Um ponto destoante, que se faz necessário apontar nesta pesquisa é que a maioria dos japoneses que migrou para o Brasil, nunca havia plantado, nem sido agricultores no Japão. Uns haviam estudado, outros eram moradores do centro da cidade e tinham experiência como comerciantes, ferreiros ou carpinteiros. Após fugirem, tentaram exercer a mesma função que desempenhavam em seu país, antes de sua partida. No entanto, alguns passaram a trabalhar como empregados domésticos, na construção civil, ou em outros setores completamente diversos ao de sua história passada.

Em 1910, alguns comerciantes e profissionais autônomos foram para Santos em busca de moradia e de trabalho. Em 1920, um grupo de japoneses passou a residir e a abrir negócios na Rua Conde de Sarzedas, em São Paulo. Contudo, mesmo com todo esse fracasso de importação de mão de obra para as fazendas de café, foi dada a continuidade no processo de imigração.<sup>15</sup>

Durante este período, houve um avanço expansionista para o interior de São Paulo, de tal forma que as agências passaram a comprar terras com solo apropriado ao plantio, a fim de ofertarem espaços para os imigrantes. Esses lotes ficaram conhecidos como *shokuminchi* (colônias). A partir da criação dessas colônias, as

<sup>15</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

agências promoveram a vinda de imigrantes para morar, trabalhar, cultivar o solo e desenvolver novas culturas, podendo se tornarem pequenos produtores agrícolas.<sup>16</sup>

Apesar de anteriormente, após passarem por condições próximas à escravidão, colocados em situações de moradia e trabalho precários, avistaram nessas terras oportunidades de sustentabilidade e de produção e tornaram-se pequenos produtores agrícolas. Com isso, em 1911, foi fundada a primeira colônia, chamada de Colônia Monção, no interior de São Paulo.

Um dado importante é que, posteriormente, foram fundadas diversas *Shokuminchi* (colônias), em várias cidades do país, como Iguape, Aliança, Registro, Suzano, Bastos, Cidade de Assaí e Tomé-Açú no Pará. Sabe-se que nestas regiões foram cultivados diversos produtos, como pimenta-do-reino, chá e foi desenvolvida a atividade granjeira.<sup>17</sup>

Outro ponto positivo é que os japoneses são reconhecidos pela sua organização e, desta forma, conseguiram dar andamento ao crescimento das colônias com agilidade, cultivando sua língua, cultura e costumes. De início, além de irem formando sua singularidade, mesmo dentro de um país estrangeiro, constituíram a *Kyōkai*, que é uma associação voltada para assuntos da comunidade e fundaram também a *Kaikan*, conhecida como auditório, funcionando como sede da comunidade. Isto significa uma luta incessante pelo retorno à sua nação, inclusive fisicamente, embora distantes de seu país de origem, precisavam se reconhecerem frente ao irreconhecível.<sup>18</sup>

Em seguida, e não menos importante, a educação dos filhos estava entre as maiores preocupações dos imigrantes,. Por este motivo, alguém era encarregado de ensinar o estudo da língua e da matemática, que era organizado por turmas para darem aulas em determinados horários. Por estas razões, surgiram as *Nihongakkōs*, assim chamadas de escolas rurais de ensino em japonês.

Vale ressaltar que, desde o início da imigração e com as *Nihongakkōs* (escolas de ensino em japonês), muitos imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil, não sabiam falar a língua portuguesa, pois eram criados e educados

---

<sup>16</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de julho de 2015.

<sup>17</sup> *Idem ibidem*.

<sup>18</sup> *Idem ibidem*.

apenas para falar japonês, com o objetivo de retornarem ao seu país de “origem” (era esse o pensamento dos imigrantes assim que chegaram ao Brasil).<sup>19</sup>

Em consequência disso, as colônias japonesas, cada vez mais, ficavam separadas do restante da população brasileira, pois era muito difícil, para não dizer praticamente impossível, a comunicação, sendo necessário, em algumas situações, o uso de intérpretes.

Esta educação com base nos ensinamentos e no cultivo da cultura japonesa, criada para desenvolver a atitude de *dainipponjins* (súditos japoneses), foi proveniente da intenção de que pudessem retornar ao Japão, após o acúmulo das economias desejadas. Sob esta ótica, era notório o principal objetivo da vinda ao Brasil: trabalhar para juntar suas economias e voltar ao país de origem, pois naquela época o Japão estava superpopuloso e não tinha oportunidades de emprego. Por outro lado, muitas destas famílias estavam em profunda miséria e a única saída para poder sobreviver era emigrando, conforme já abordado neste estudo anteriormente.

Um gesto impressionante, frente às dificuldades aqui encontradas, era o ensino da língua nipônica mesmo para crianças bem pequenas, assim como eram ministrados ensinamentos da cultura japonesa e o *yamato damashii* (espírito japonês). A verdade é que a principal preocupação dos pais era que seus filhos, ao retornarem ao seu país de origem, pudessem se adaptar e viver como um japonês. Era um povo vivendo em outro país que procurava incessantemente, em cada estrada, o reconhecimento cultural de sua nação.<sup>20</sup>

Vale registrar ainda que no ano de 1915, em São Paulo, foi fundada a primeira escola japonesa, a Escola Primária Taisho. As primeiras japonesas a se graduarem e a obterem o diploma de professoras primárias foram as irmãs Teruko e Akiko Kumabe, em 1918. Posteriormente, em 1919, tornaram-se as primeiras imigrantes a conquistar a naturalização brasileira.<sup>21</sup>

Com todo este sentimento de presença e ausência de um povo que não se perde da história de seu povo, é importante fazer referência a Manuel Castells (1999), que em seu livro “O Poder da Identidade” cita: “para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto,

---

<sup>19</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>20</sup> *Idem ibidem*.

<sup>21</sup> *Idem ibidem*.

essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social." (CASTELLS, 1999)

Para justificar as palavras de Castells (1999), há um outro exemplo de tensão entre os atores coletivos envolvidos, em que prevalece a cultura original do imigrante, apesar da convivência com uma cultura múltipla entre dois países. Foi criada também uma imprensa, em japonês, para a comunidade que morava nas colônias no Brasil, conhecida como "jornais da colônia". Entre esses jornais, surgiram o *Nanbei* (América do Sul), o *Nippak Shimbun* (Jornal Nipo-brasileiro), o *Burajiru Jihô* (Notícias do Brasil) e *Ijû Kumiai* ("cooperativa de emigração").<sup>22</sup>

Esses periódicos existiam, certamente, para dar o indicativo do crescimento da vinda de imigrantes e para mostrar que o sentido de comunidade estava crescendo, inclusive, economicamente e que a maioria da população das colônias estava alfabetizada em japonês. Como se vê, até este momento, a superação continuava sendo o eixo central da história desta população, que não se permitia conduzir pelo fracasso e desânimo.

#### **1.2.4. Surgimento das cooperativas: parceria sobrevivência e nacionalidade**

Uma grande característica dos japoneses é de possuir o espírito empreendedor. No segundo navio, em 1910, chegou Takehiro Mamizuka, que em 1912, ao visitar o Mercado Municipal de São Paulo, pesquisou os preços das verduras e dos legumes e notou o contínuo crescimento deste mercado. Por isso, comprou um pequeno pedaço de terra, em Taipas, para a plantação de batatas.<sup>23</sup>

Foi desta forma que ocorreram várias iniciativas individuais, para aquisição de negócios a partir do plantio, como também surgiram várias iniciativas em grupo, como uma cooperativa de produção agrícola. Esse termo "cooperativa agrícola" surgiu em 1919 no jornal *Burajiru Jihô*, na edição de setembro, chamando os imigrantes a participarem do "Syndicato Agrícola Nipo-Brasileiro". O objetivo era apoiar lavradores na pesquisa de terras adequadas a determinadas culturas, para a elaboração de contratos, financiamento de capital, compra e venda coletivas. Todas

---

<sup>22</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>23</sup> *Idem ibidem*.

estas facilidades tinham como finalidade conseguir um desenvolvimento seguro para os compatriotas.<sup>24</sup>

Em 1927, foi fundada a principal cooperativa agrícola de imigrantes japoneses, a Cooperativa Agrícola de Cotia – CAC. A partir deste momento, iniciou-se a junção de 83 agricultores que cultivaram a batata em Cotia. Tinham como foco organizar a comunidade de agricultores e achar soluções para todos os problemas que surgiam, a fim de proteger, resguardar e manter a produtividade. Com a determinação proposta, obtiveram sucesso e o crescimento foi singular, considerado, na época, o maior na América do Sul.<sup>25</sup>

Neste mesmo ritmo, em 1920, houve um avanço e expansão no processo de colonização, de tal forma que o fluxo de imigração de japoneses para o país acelerou. O estado brasileiro que mais abrigou japoneses foi São Paulo e passou a ser considerado o que possuía a maior colônia japonesa fora do Japão. Em 1928, fundaram as cidades Tietê e Bastos.<sup>26</sup>

É importante recordar ainda que desde 1927 imigrantes japoneses ocuparam as cidades de Iguape e Registro, com o cultivo de chá e de banana. No interior, produziam também algodão e café. Com este sentimento de parceria, de sobrevivência e de nacionalidade, no ano de 1929, migraram para o Norte, instalaram-se no Pará e em Acará. Logo em seguida, foram para Goiás e Paraná.

O irônico é que, neste mesmo ano, ocorreu a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que trouxe para ao café brasileiro uma grande desvalorização, afetando toda a população, pois era o maior produto brasileiro na época e que tinha expansão internacional. Com a crise, tiveram que, mais uma vez, partirem para a superação com uma segunda alternativa, que foi a produção e o cultivo de feijão, arroz, tomate e batata para suprirem as necessidades das cidades.

Com essa investida do governo, na política de incentivo à entrada de estrangeiros vindos do Japão, trabalhando em conjunto com as agências, que divulgavam a oportunidade de trabalho e possibilidades de angariar capital, incentivou-se, progressivamente, este processo migratório. No ano de 1932, o Consulado Geral do Japão em São Paulo contabilizou a entrada de 132.689

---

<sup>24</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>25</sup> *Idem ibidem*.

<sup>26</sup> *Idem ibidem*.

japoneses no país e ainda previram o ingresso de mais de 25 mil pessoas no próximo ano. Isso demonstra que a os problemas relativos ao choque cultural entre as duas nacionalidades pareciam estar sendo superadas.<sup>27</sup>

### 1.2.5. Era Vargas e Segunda Guerra Mundial: o sentimento antinipônico

O presidente Getúlio Vargas governou o Brasil, durante os anos de 1930-1945, iniciando como Chefe do Governo Provisório de 1930-1934 e, logo em seguida, foi eleito indiretamente para permanecer na presidência até 1938. Antes das eleições, em 1937, Vargas concebeu a ideia de que havia descoberto o plano Cohen e junto aos militares aplicou um golpe político, conhecido como o Estado Novo.

Mesmo antes de ser instaurado o Estado Novo, Vargas havia tomado medidas nacionalistas, como exemplo, em 1934, quando proibiu qualquer tipo de alfabetização divergente da língua portuguesa para menores de dez anos. Também exigiu que fossem inspecionados todos os materiais didáticos importados e não poderia excluir e não fechar, obviamente, as instituições japonesas, como se vê abaixo.

Quadro 1 - Visitas de inspetores de ensino às escolas japonesas de Santos

Escolas	1938	1939	1940	1942
Escola Japonesa de Santos	3	2	5	fechada
Escola Japonesa Kazushi	2	3	1	fechada
Escola União Japonesa	1	2	5	fechada
<b>Total</b>	6	7	1	--

Fonte: (SILVA, 2011, p.8)<sup>28</sup>

Nesta época, este novo governo possuía ideias simpatizantes aos líderes autoritaristas europeus (Hitler e Mussolini). Desta forma, desde 1932, o governo

<sup>27</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>28</sup> DA SILVA E SILVA, Rafael. **O Drama da Colônia Japonesa de Santos Durante a Era Vargas (1937 – 1945)**. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

brasileiro adotou políticas restritivas, visando diminuir a entrada de imigrantes japoneses.<sup>29</sup>

As tensões nas relações políticas da Europa e a possibilidade de ocorrer uma guerra envolveu todas as colônias de imigrantes no Brasil. No final de 1938, escolas de línguas alemã, japonesa e italiana todas foram obrigadas a fechar e o ensino de idioma que não fosse o português foi proibido.

Em 1939, iniciou a Segunda Guerra Mundial na Europa, com pouca influência interna no país, porém quando os Estados Unidos entraram na Guerra, em 1941, o Brasil teve que se definir e passou a apoiar os americanos. Devido a isso, o Brasil precisou impor medidas restritivas aos imigrantes das nações inimigas, agindo com rigidez e severidade com os imigrantes japoneses.

Foi abolido qualquer tipo de publicação em japonês: publicações nos jornais, ou até mesmo, um simples texto. Nos Correios, foi proibido qualquer tipo de troca de correspondências, entre o Brasil e o Japão, visando à prevenção de trocas de informações que fossem comprometer ou influenciar vantagens para os países inimigos. Desta forma, os japoneses, em terras brasileiras, ficaram sem ter notícias de seus familiares e sem nenhum contato.<sup>30</sup>

Como muitos não sabiam falar a língua nativa, era praticamente impossível ter notícias da Guerra e saber como o Japão estava. Vale ressaltar que a entrada de japoneses estava suspensa no país, surgindo uma nova crise de identidade diante do novo cenário, já que a mesma nação que os admitiu como coadjuvante no processo agrícola entrou em um retrocesso de rejeição aos já considerados compatriotas.

Os japoneses viram suas vidas mudarem drasticamente e foram alvos de suspeita de espionagem. Devido a isso, foram perseguidos severamente e sofreram preconceito de toda população brasileira. Além disso, foram obrigados a evacuar de suas casas. Comunidades inteiras foram exiladas e direcionadas a fazendas no interior e ficaram isolados.

Todos os bens, como casas, dinheiro e tudo o que possuíam de valor foram arrancados para “posterior inclusão no fundo de indenização de guerra”. Tudo fundado por eles, como o Hospital Santa Cruz e o Banco América do Sul, que

---

<sup>29</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>30</sup> *Idem ibidem*.

passaram a ser administrados por outras pessoas, nomeadas, por sua vez, pelo governo brasileiro. Era proibido ainda qualquer tipo de reunião de mais de cinco pessoas.<sup>31</sup>

Outra questão importante, que se insere nessa proposta de reflexão, foi o que ocorreu em 1942: um submarino alemão afundou um navio brasileiro. Por este motivo, foram incendiadas e destruídas as casas de imigrantes italianos, alemães e japoneses. Com o argumento de “proteger” e fiscalizar, todos os imigrantes que se instalaram na região norte do país foram obrigados a migrar para Acará (atual Tomé-Açu, PA). Pelo que se observou as perseguições eram constantes por todo território onde havia estrangeiros.<sup>32</sup>

Mesmo com toda essa resistência e com o sentimento antinipônico emergente, o governo brasileiro visava preservar e estimular a produção de algodão, hortelã e bicho da seda dos japoneses, pois, neste período, o Brasil exportava estes produtos para os Estados Unidos e servia de intermediário neste processo. Com estes produtos, os americanos fabricavam uniformes, paraquedas, explosivos e sistemas de refrigeração de motores, que traziam lucratividade para o país durante o conflito.<sup>33</sup>

Todos esses fatos foram ilustrativos para as comunidades nipo-brasileiras durante esse período, profundamente marcada pela decepção e pela percepção de que suas expectativas e sonhos para uma nova oportunidade em terras brasileiras eram ilusórias, como ilustra Shungoro Wako (1939), em um desabafo:

Recordemos que nós já vivemos trinta anos neste país e tivemos nesse espaço de tempo, o sacrifício de vida de homens, mulheres, velhos e crianças (...). Regressar ao nosso país de origem, abandonando estas sepulturas não representa cumprir um dever para com nossos antepassados (...). Então, contribuir com o nosso sangue misturado ao dos brasileiros, introduzindo nossas boas tradições, (...) encontraremos o verdadeiro significado da nossa imigração (...), devemos trabalhar com todas nossas forças até o dia do nosso sepultamento nesta terra, orando pela prosperidade de nossa pátria e fazer dos nossos filhos bons brasileiros, capazes de servir ao Brasil. (WAKO, 1939, p.154)

Devido a tanta decepção, seguida de um sentimento frustrado de identificarem-se com uma nação distinta da sua, muitas famílias decidiram retornar ao Japão, ou emigrar para a Coréia ou a Manchúria. Wako (1940), após diversas

---

<sup>31</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>32</sup> *Idem ibidem*.

<sup>33</sup> *Idem ibidem*.

análises, mudou de ideia e passou a defender o processo de reemigração para a Ásia. Porém, no ano de 1942, foram totalmente rompidas as relações diplomáticas entre o Brasil e o Japão e, além disso, foram retirados os representantes japoneses do governo. Como consequência, os imigrantes se sentiram como “súditos abandonados” e que estavam instalados em uma “casa onde não eram bem-vindos”.

Eram notáveis as expectativas da população nipobrasileira de que o Japão vencesse a Guerra. Usavam termos como “quando” ( e nunca “se”) o Japão vencer a guerra. Pois, estavam vivendo às margens da sociedade e sofrendo constantes perseguições, logo sonhavam com uma vida melhor e pacífica. Infelizmente, não tinham notícias do andamento da guerra e, com todos os meios de comunicação cortados, a única forma de saber alguma notícia era com os brasileiros, com os quais, por sua vez, não mantinham uma relação de confiança.<sup>34</sup>

Mesmo quando o conflito na Europa estava encerrando, em 1944, constantes batalhas foram travadas entre as tropas japonesas e americanas. Com essa ausência de informações, as comunidades ficaram divididas em dois tipos de ideologia. A primeira composta pelos *kachigumi*, que significa vitoriosos e acreditavam que o Japão havia vencido e o segundo grupo conhecido por *makegumi*, isto é, os derrotistas ou derrotados, em japonês, que admitiam que o Japão havia perdido a guerra.<sup>35</sup>

Seguiram-se muitas suposições e conflitos entre esses dois grupos, pois os *kachigumi* acreditavam que quem pensasse que havia perdido a guerra ou tivesse pensamentos contrários eram considerados traidores. Por isso, muitas plantações foram queimadas e destruídas.

Após o Japão se render, em 1945 e as bombas atômicas terem atingido Hiroshima e Nagasaki, foi circulada uma notícia mentirosa, com fotos falsas da rendição dos Estados Unidos. Por esse motivo, sem contato com seus familiares, muitos acreditavam que o Japão realmente havia vencido a guerra. Devido a isso, os *kachigumi*, fortaleceram-se e iniciaram um grande movimento, conseguindo mais de cem mil participantes, que passou a ser conhecido como *Shindo Renmei*, ou seja, Liga do Caminho dos Súditos.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>35</sup> *Idem ibidem*.

<sup>36</sup> *Idem ibidem*.

Por toda essa confusão e trocas de informações, em 1945 a Cruz Vermelha deu início a um movimento, para esclarecer e mostrar a comunidade nipobrasileira que o Japão havia sido derrotado. Logo surgiu um confronto ideológico e os *Shindo Renmei* fizeram atentados terroristas contra aqueles que eram “contra” suas ideologias. Contínuos assassinatos e golpes foram aplicados nas pessoas que acreditavam na vitória japonesa, os quais passaram a comprar ienes (que na época houve uma grande desvalorização) e passagens aéreas para voltar ao Japão (ilusórias, que nem existiam). Estava instalado um verdadeiro caos físico e emocional nessa comunidade em questão ao finalizar a Segunda Guerra Mundial.<sup>37</sup>

### 1.3. Colônia japonesa Pós- Segunda Guerra Mundial

Após diversos atentados, no ano de 1947, esses ataques terroristas foram cessados, mas com centenas de agressões e diversas vítimas. Os conflitos deste momento histórico, que foram tão bem retratados no filme e inspirado no livro “Corações sujos”, de Fernando Moraes, lançado em 2012, que retratou o mal-estar no relacionamento entre brasileiros e japoneses no pós-guerra, aos poucos, foi perdendo a tensão.

Passados mais alguns anos, foram fundados vários jornais japoneses e, conseqüentemente, essa população despertou para a realidade. Outro acontecimento que vale ser lembrado foi o “Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo”, comemorado em 1954. Sabe-se que dois anos antes a colônia japonesa havia sido convidada para participar da comemoração. Neste contexto, o representante da colônia foi o Dr. Kiyoshi Yamamoto da Fazenda Tozan.

Neste evento, criou-se um consenso de que não haveria mais agressões por parte de grupos de ideologias diferentes e que não seriam mais levantadas questões sobre este tema. Com esse acordo em vigor, houve um progresso na comunidade Nikkei, assim conhecido como os descendentes dos imigrantes japoneses nascidos fora do Japão.

No próximo capítulo, serão abordadas as relações entres *nikkies*<sup>38</sup> com seus antecessores, seu *homeland*<sup>39</sup> (ida ou retorno) dos chamados *dekasseguis*<sup>40</sup>, que

---

<sup>37</sup> AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

<sup>38</sup> Nikkeis: assim chamados os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão.

<sup>39</sup> Homeland: assim chamado o sentimento de pertencimento dos descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, o sentimento de ida ou retorno às Terras Japonesas.

são os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão. Além disso, este estudo apresentará o sentimento de nacionalidade e a atual relação entre japoneses, *nikkies* e *dekasseguis*. Ainda nesta direção, haverá referências sobre o choque de realidade entre o Japão cultivado pelos seus parentes e, ainda será dedicado um momento para apresentar uma amostra do Japão atual e a xenofobia japonesa.

Nesse contexto, veremos que na sociedade contemporânea, o avanço da comunicação possibilitou o indivíduo se relacionar e conhecer outro país mesmo antes de estar fisicamente em terras estrangeiras. Será possível notar a existência do sentimento simbólico, da identidade simbólica, que anteriormente abordado pelos teóricos clássicos para se formar uma identidade nacional era necessária primeiramente de um território. Porém no mundo globalizado, foi identificado que esse sentimento surge além do território e do surgimento da identidade transnacional.

---

<sup>40</sup> Dekasseguis: descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, que retornam às terras de seus ancestrais em busca de trabalho.

## **2. A Teoria Sobre Nação e Raízes do Sentimento de Nacionalidade**

Conforme abordado anteriormente, o processo migratório de japoneses para o Brasil nos possibilitou destacar várias gerações de descendentes de imigrantes, diante desse cenário, podemos analisar o processo histórico de cada geração e entender fatores que influenciam na construção da identidade dos descendentes em cada período.

Percebemos que os imigrantes passaram por diversas dificuldades ao se deparar em terras estrangeiras, com o racismo da população receptora e as divergências culturais, linguística, de tradições, costumes, entre outras, o que ocasionou o isolamento dos imigrantes e fortificou o sentimento de nacionalismo japonês, ao mesmo tempo em que dificultou o relacionamento com os nativos.

Podemos notar que os cidadãos em terras estrangeiras, tendem a se relacionar com indivíduos da mesma nacionalidade, o que dificulta, e em alguns casos atrapalha na possibilidade de se relacionar com os nativos. No caso japonês, além dessa dificuldade, o que possibilitou esse distanciamento foi a rejeição da população nacional, pois naquele período os orientais eram indesejados.

Com o nascimento dos filhos desses imigrantes nascidos fora do território japonês, podemos vislumbrar a emergência dessa primeira geração criada sob os costumes, língua e tradições de seus ancestrais, porém nascidos no Brasil e portanto, em contato com os nossos costumes e tradições, o que gerou para eles uma identidade própria derivada da mistura entre as duas culturas.

Logo em seguida, filhos desses descendentes também nascidos em território brasileiro, mas que buscaram origens e oportunidades na terra de seus ancestrais.

Por fim, os netos desses descendentes, já nascidos no Japão.

Com toda essa miscigenação cultural, o questionamento gira em torno de como é construída essa identidade, o sentimento de nacionalidade, de pertencimento. Desta forma, abordaremos abaixo teorias sobre Nação e Nacionalismo para podermos esclarecer a respeito de como e construída a identidade desses descendentes.

### **2.1 O Surgimento do termo “nação”**

O termo Nação ligado ao sentimento de interação e pertencimento a um espaço e uma sociedade, grandes autores como Karl Marx (1818-1883), Max Weber

(1864-1920) e Marcel Mauss (1872-1950) preocuparam-se em conceituar Nação e Nacionalidade por meio de uma análise sociológica.

De acordo com Bobbio (1909), “Em nome da Nação se fizeram guerras, revoluções e modificou-se o mapa político do mundo” (BOBBIO, 1909). Com esta afirmação, é possível notar a necessidade de entender este sentimento de pertencimento e a que fato se refere. Primeiramente, foi destacado como a ideia de pertencimento, durante a Idade Média, referindo-se a uma religião: o indivíduo deveria se sentir primeiramente um cristão e, em seguida, engajar-se a um status social, como por exemplo, ser um burguês e, só depois, ser pertencente a um Estado (BOBBIO, 1909).

Weber (1921) e Mauss (1956) afirmavam que estruturas políticas nasciam por meio da integração social entre o indivíduo e a sociedade, que eram mantidas pela solidariedade comunitária. Weber, em seu texto, “Comunidade Étnica” (WEBER, 1982) preocupou-se em destacar, além de uma concepção de estrutura social, uma análise de produção de disposições ideológicas, nas quais o sujeito seria o principal ator das ações. Segue abaixo, o seu conceito denominado de “pertinência à raça”, que para ele é o fundamento da noção de comunidade:

É claro que esta somente conduz a uma ‘comunidade’ quando é sentida subjetivamente como característica comum, o que ocorre apenas quando a vizinhança local ou outros vínculos entre pessoas de raças distintas levam a uma ação comum [...] ou quando, ao contrário, certo destino comum dos racialmente homogêneos se liga a algum contraste existente com outros de características acentuadamente distintas (WEBER, 1994[1921], p.267).

O mesmo autor prossegue argumentando que o contexto de “pertinência à raça” é referente à percepção do indivíduo de sua inclusão em determinado grupo e a uma crença em comum, não excluindo a visão do mesmo de uma pessoa única, pois primeiramente ele é “único elemento” de sua identidade, mas de sua importância à constituição da comunidade política (WEBER, 1994[1921], *apud*, COSTA, 2006). Contudo, Weber destaca que conforme a sociedade se diversifica e assume um nível de complexidade maior, como ocorre no contexto da crescente urbanização e industrialização de fins do século XIX, a noção de “comunidade étnica” passa a ser o motor da solidariedade social. Diante da impossibilidade de um vínculo comunitário baseado unicamente na ideia de ancestralidade comum ou parentesco, conforme a comunidade abarca diferentes grupos sociais, incluindo

imigrantes, o que passa a unir esses indivíduos é o compartilhamento de elementos culturais e a ideia de um destino político comum.

Para Weber, o surgimento desse laço social forma a “comunidade política” – embrião da ideia de nação, uma vez que “essa situação gerava nas consciências dos sujeitos um sentimento específico de honra e dignidade, que se sobrepunha à própria regra de ascendência comum” (COSTA, 2006).

Vale a pena interpretar outro conceito sobre o assunto, que envolve os partícipes de uma nação: Bobbio (1909), em Dicionário de Política, afirma:

Normalmente a Nação é concebida como um grupo de pessoas unidas por laços naturais e, portanto, eternos que, por causa desses laços, se torna a base necessária para a organização do poder sob forma do Estado Nacional (BOBBIO, 1909, p.796).

Porém, existiram duas controvérsias a respeito.

A primeira diz respeito à ideia de “laços naturais”, referindo-se à raça, e não possibilita a identificação de grupos com limites definidos e nem pode identificar às Nações Modernas. Por meio de imigrações, possibilitou-se a entrada de estrangeiros, no território nacional e, decorrente disto, nasceu o termo conhecido como miscigenação, caracterizada por essa mistura de raças.

A segunda ideia seria da definição de “pessoas coletivas”, que vivem suas vidas próprias dentro de um “organismo”. Essa definição de “pessoas coletivas” seria sobre os indivíduos que integram um mesmo grupo, com características em comum, com o mesmo território, idioma, costumes e religião. Porém, não se considera uma definição válida, pois existem várias nações plurilíngues, que se prevalecem de mais de uma religião e, com o processo migratório, foram adquiriram novos costumes e tradições.

Nas palavras de Ernest Renan (1887), a Nação é a “vontade de viver juntos”, o “plebiscito de todos os dias”. O que é descrito como “nacionalidades espontâneas” (M. ALBERTINI, 1981), nas quais os indivíduos que possuem uma língua em comum produzem uma ligação e proporcionam o surgimento de laços, que constituem a própria personalidade do indivíduo. Ao adicionar o ambiente físico habitado por um grupo de pessoas que nele convive e compartilha experiências cotidianas, conseqüentemente, os indivíduos criam histórias e lembranças em comum, construindo assim sua personalidade nacional.

Foi com base nestas reflexões, que M. Albertini (1981) se referiu a uma conduta de fidelidade, identificada pelo “comportamento nacional”. É válido assinalar que esta atitude não se aplica como um gesto de lealdade política ao Estado, mas a outros valores, manifestados por motivação autônoma.

Verificando o que vem a ser o sentimento nacional, levanta-se, em seguida, outro contexto de Estado, como sendo uma entidade ilusória. É neste cenário que a Nação se mostra como uma entidade ideológica. Por isso, a ideia de Nação constitui ainda um reflexo do sentimento de fidelidade direcionado ao Estado. Inseridos, no íntimo do cidadão, esses sentimentos decorrentes da ideia de laços e, por ser um elemento integrante a esta instituição social, podem se transferir para os cidadãos pertencentes a um determinado grupo da sociedade.

Ainda vale a pena analisar as palavras de Albertini (1981): “A Nação seria a ideologia do Estado burocrático centralizado”. Ao retornarmos à Revolução Industrial, pode-se interpretá-la também como sendo decorrente do crescimento do sistema de produção, no qual se criaram mercados de dimensões “nacionais” e fizeram com que os comportamentos econômicos, jurídicos, políticos e administrativos se ligassem ao Estado com total interação entre os indivíduos.

## **2.2. Nacionalismo: sentimento de pertencimento a uma nação**

Bobbio (1909) define Nacionalismo, como uma ideologia nacional de um determinado grupo político e do Estado nacional e, em decorrência disso, gera o Nacionalismo redundante. Ele aborda a fusão do Estado e da Nação como uma junção de indivíduos, dentro do território nacional, com a utilização do mesmo idioma, costumes, tradições e cultura.

Outro dado importante é que, desde a Revolução Francesa até os dias atuais, no contexto da Globalização, o termo Estado soberano é utilizado quando este é reconhecido pelos demais Estados, também admitidos como soberanos. Um dado importante é que, quando há quedas de barreiras entre os Estados, com o avanço das ligações interestatais e entre indivíduos, é possível notar o crescimento do sentimento de nacionalismo, de pertencimento e de fidelidade para com seu Estado-nação. No contato com o estrangeiro, principalmente, é possível notar o engrandecimento do sentimento de superioridade da nacionalidade de cada indivíduo, pois sua nação é sempre percebida como sendo superior ao outro.

Na construção da identidade nacional, vale registrar que se podem dividir os autores que abordam o assunto em dois grupos: os que se referem a este sentimento de nacionalismo, voltado para o lado emocional e, por outro lado, os que se referem às ideologias e à política.

No primeiro grupo, estes estudiosos interpretam o lado emocional e natural, onde o nacionalismo é enaltecido como um sentimento nobre, no qual se deve ser leal à nação, amá-la e respeitá-la. Gellner (2006) levanta a questão de que há uma fusão emocional denominada por patriotismo e identidade nacional. Assinala ainda que o sentimento de nacionalidade tem grande veemência por ser comparado a uma espécie de religião. Por outro viés, é notório, como foi compreendido pelos autores deste primeiro grupo (Anthony Smith [1986/91], Boyod Shafer e Carlton Hayes), que existe uma confusão entre nacionalismo e sentimento patriótico.

Vale acrescentar a diferença entre Nacionalismo e Sentimento Patriótico. Este último exalta o amor à pátria, à língua, ao seu território nacional e à sua história. O Nacionalismo tem como base o patriotismo, porém não se limita apenas ao amor à pátria, mas ao pertencimento a um grupo específico da nação, que possui tradições e ideologia em comum. Sobre essa percepção, Domingues evidencia: “O Nacionalismo tem um caráter mais doutrinário, ideológico, ele não prega o amor à pátria apenas, mas o pertencimento a um grupo específico com interesse comum na preservação de suas tradições e na autopreservação” (DOMINGUES, 2010).

Convém ressaltar ainda que o segundo grupo tem como base o Marxismo, no qual o Nacionalismo é relacionado à luta de classes e à exploração burguesa da classe proletária. Desta forma sendo destacado como um sentimento político-ideológico e ferramenta de interesse da política burguesa. Faz-se importante referir-se a Marx, pois este enfatizou o fato de a burguesia divulgar o nacionalismo, com o objetivo de promover a industrialização, maquiando as desigualdades decorrentes do capitalismo (DOMINGUES, 2010).

Como o sentimento de nacionalismo é muito forte para a construção da nação, teóricos Marxistas destacavam que a burguesia, usava-o como ferramenta para explorar o proletariado. O fato é que assim impedia a solidariedade internacional das classes, que estava acima do estrato social de todas as nações, com a exaltação do sentimento de identidade nacional.

Por outro lado, Bobbio (1909) confirma que “A nação não existe, porém a maioria dos homens acredita em sua existência”. Esta discussão mostra que com a união entre o Estado e a nação, com o desenvolvimento do sentimento nacional, focando no pensamento de que todos são pertencentes a uma mesma Nação e a um mesmo Estado, abordando-os como algo natural e sagrado. O autor visava à ideia de que Nação é o Estado pertencente ao povo e esta percepção teve como função integrar o Estado democrático e o povo.

Não há dúvida de que o sentimento nacional surge e se exalta, principalmente, em situações de encontro com o âmbito internacional, além das fronteiras nacionais, pois os direitos que o cidadão possui no território nacional, nem sempre são aceitos no plano internacional. Neste caso, podemos destacar dois tipos de Nacionalismo: o Nacionalismo sadio, que é exercido em sua própria nação de forma sutil. E o Nacionalismo pernicioso, que é exercido em referência às outras Nações, como reflexo de defesa perante o estrangeiro.

Cumprido lembrar que há posições estatais decorrentes de tensões internacionais e que interferem no plano político das populações. Registre-se ainda, que o Estado Nacional pode conduzir à centralização do poder, exigindo de seus cidadãos completa lealdade. Além disso, há quem utilize essa ferramenta do sentimento de nacionalismo, em algumas instâncias, para exacerbar o ódio e a rejeição aqueles que pertencem a outras nacionalidades ou grupos étnicos.

### **1.3. Concepção contemporânea do nacionalismo**

É fato que o Nacionalismo se manifesta com o objetivo de integrar uma variedade de grupos, em um mesmo território, onde partilham o mesmo idioma, tradições, história, cultura e possuem estruturas de poder burocráticas, com a centralização do poder no Estado, a fim de manter o equilíbrio nas relações internacional e nacional. Porém, não existem Estados-Nação que se encaixem exatamente nesta descrição. Devido a esse choque com a realidade e as dificuldades encontradas nessa ideia de unificação, ocorre uma radicalização do Nacionalismo. Isto quer dizer que esta intransigência pode surgir ou por grupos étnicos nascidos no Estado, ou por grupos estrangeiros caracterizados por imigrantes, que sofrem com a xenofobia, ou ainda podem ser gerados por conflitos internacionais.

Essa situação pode conduzir a uma radicalização com influência também da modernização, por exemplo, durante os séculos XIX e XX, com a queda de pequenos produtores agrícolas e artesanais da população de diversos países, em geral, que eram representados por uma grande maioria de cidadãos. Consequentemente, ocorreram grandes alterações na economia e na vida social de muitos indivíduos e, com isso, desenvolveu-se a ascensão da não aceitação desta nova realidade, pois atingiu, profundamente, o sentimento de fidelidade dos indivíduos, visando proteger suas antigas tradições ameaçadas, que, por sua vez, se traduziu em movimento de radicalização (BOBBIO, 2007).

É importante destacar que o período que iniciou a modernização no setor político e econômico, teve grande importância para a estrutura de diversas classes sociais, como foi de grande importância para a adoção de modelos de organização política dos Estados. Como nos casos da Itália, a Alemanha e o Japão, que no final do século XIX, adquiriram esta modernização por meio da pressão estrangeira de países como a Inglaterra, os Estados Unidos e a França, cujo processo de modernização já tinha avançado. Essas nações adquiriram sua modernização com as alianças, entre as elites agrícolas e industriais, sem a interação da população, ocasionando a criação de regimes fascistas. É possível notar que em cada regime existe um modelo diferente de administração estatal, com interesses distintos, com isso, nacionalismos diferentes, onde para todos o que é de real importância é o interesse nacional, a fim de garantir a segurança do Estado.

Sabe-se ainda que, em cada regime, foram destacados modelos diferentes de nacionalismo, com períodos diferentes de desenvolvimento e com diferentes administrações estatais, porém todos oriundos de um só sentimento: garantir a segurança nacional.

Acrescente-se a este quadro o fato de que o nacionalismo possui raízes e influência, desde o nascimento de cada indivíduo, inclusive, há a situação de ter nascido em uma determinada sociedade, que influencia na convivência, costumes e relações sociais com seus pares nacionais e com os estrangeiros. Como no caso dos descendentes de imigrantes japoneses nascidos fora do território japonês, nascidos em outro país, mas com uma convivência significativa com a sociedade japonesa. Assunto que será abordado nos próximos capítulos.

O período Entre Guerras, que foi fundado com militarismo, o racismo, o ultranacionalismo e o expansionismo, mostrou os conflitos que ocorreram no Japão. Como exemplo nos dias atuais, a xenofobia ainda existente na sociedade japonesa, podendo caracterizar como o racismo exacerbado, a aversão ao estrangeiro. Mesmo com diversas manifestações, o governo não mostra preocupação para existir a interferência da Organização das Nações Unidas (ONU).

Em diferentes contextos, a democracia foi sacrificada em nome da manutenção do Estado e da satisfação de suas necessidades internas e externas. No âmbito doméstico, até ocorreu participação da população na política interna, com o objetivo de propagar a rivalidade entre as nações e com a finalidade de defender interesses estatais. No plano internacional, também houve sentimentos exacerbados pela necessidade de cada país se proteger e se resguardar, principalmente, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e com as exigências do Tratado de Versalhes (1919) (BOBBIO, 2007).

Com isso, o nacionalismo mudou de foco e deixou de ser um movimento voltado para ideias revolucionárias e libertadoras, para focar na preservação do Estado, em sua proteção e na garantia de estabilidade. Além disso, deixou de ser um sentimento revolucionário para ser um gesto reacionário.

Há de se atentar também para o fato da presença do nazismo e fascismo, que foram movimentos de ultranacionalismo, com características chauvinistas e populistas, com o objetivo de homogeneidade da nação, abordado como principal elemento para manter a ordem. Sabe-se que foi, por meio deste contexto, que existiram políticas racistas neste período. No plano internacional, o Japão foi um exemplo de país considerado fascista.

No parecer de Beasley, o regime japonês é destacado como uma analogia ao fascismo ocidental, destacando uma relação temporal entre todo o percurso do Estado Moderno e a sua modernização (BEASLEY, 1989).

Por todas essas questões é importante a referência a Bobbio (1909) sobre o totalitarismo:

A penetração e a mobilização total do corpo social com a destruição de toda linha estável de distinção entre o aparelho político e a sociedade. É importante sublinhar a ligação entre o grau extremo da penetração e o grau extremo da mobilização, uma vez que a ação totalitária penetra a sociedade até em suas células mais secretas, exatamente na medida em que envolve inteiramente num movimento político permanente. Os elementos constitutivos do totalitarismo são a ideologia, o partido único, o ditador e o terror (BOBBIO, 1909, p.1258-1259).

No totalitarismo, seu ditador possui o poder e força absoluta, como sendo representante dos interesses nacionais, nos quais suas vontades podem influenciar hierarquias e ideologias do Estado. É notório que o objetivo é se manter no poder, influenciando todo regime com o terror do totalitarismo, que com a personificação do poder, combate qualquer tipo de oposição política ou opiniões divergentes com seus ideais, mantendo, com isso, a lealdade das massas ao ditador e ao regime imposto.

Diante de um cenário de industrialização e com o crescimento das tecnologias modernas existiu um grande sentimento de medo e de rivalidade internacional, fazendo com que crescesse a adesão da população regime totalitário. Para Arent (1998), um regime totalitário só é sustentado com grandes populações e grandes dimensões, como o nazismo de Hitler na Alemanha e o fascismo de Stalin na Rússia. No caso do Japão e de demais países, seriam regimes ditatoriais e não totalitários. O Japão não pôde ser considerado totalitário, neste período, pelo tamanho de sua população e por não atingir a dimensão atingida pelo nazismo e fascismo.

É importante destacar, por outro lado, o expansionismo usado por muitas nações, quando o território não supre a necessidade da população, quando existe uma comunidade muito grande e um território não equivalente. No caso do Japão, houve a necessidade de migrar parte de sua população, com a política de migração, enviando famílias para países carentes de mão de obra, entre eles, o Brasil.

Vale ressaltar ainda que nem todo país expansionista é totalitário, mas todo país totalitário tem necessidade de ser expansionista. Pois, estes novos territórios conquistados, foram utilizados como campos de concentração e de trabalhos forçados, com foco no crescimento deste regime (ARENDR, 1998).

Após a Primeira Guerra Mundial, o racismo ganhou uma proporção, em nível político, porém sua origem decorreu de três fatores: do estudo científico das raças, do nacionalismo e, posteriormente, da influência da política. Já a percepção e a diferenciação de raças surgiram no Iluminismo, quando por meio das ossadas fizeram uma divisão da humanidade em negro, amarelo e branco (BOBBIO, 1909). Posteriormente, com diversas interpretações da percepção de Darwin, com sua teoria da seleção natural, deram início às políticas racistas, que tinham o foco do “melhoramento racial”, fazendo o termo “mistura de raças” e “miscigenação” se tornarem obsessão (BOBBIO, 1909).

É bom assinalar que o nacionalismo fortificou o crescimento das teorias racistas, pois para o indivíduo, sua nação é sempre superior às demais, e, conseqüentemente, sua população também. Devido a isso, a ideia de nação passou a ser desvinculada do povo e ser relacionada à raça, fazendo com que os laços sanguíneos passassem a ganhar grande importância e o termo raça superior passando a ser adotado.(BOBBIO, 1909).

Segue abaixo uma definição do período Pós-Segunda Guerra Mundial, para o Japão, conhecido como Showa:

In Japanese tradition the naming of each new emperor's reign is meant to signal political leaders hopes and expectations for the future. While the designation 'Meiji' had foreshadowed the radical innovations to accompany the 'Enlightenment' drive of the 1870s and 1880a, naming the new era beginning in 1912 'Taisho' announced a period of rectification and stabilization. Although individual emperors exercised no significant decision making power, the vigorous Meiji emperor and the mentally and physically weak Taisho emperor have become symbolic of their two reigns (TIPTON, 2002, p.88).

O Japão possui características que se assemelham ao totalitarismo, porém, ao mesmo tempo, existem termos que os excluem desta classificação. Pois, diferente como no culto a Hitler e a Stalin, o Imperador não possuiu uma completa totalização e mobilização da sociedade e nem atingiu proporções dimensionais em território e em população. Por este motivo, o Japão pode ser classificado como militarista ou imperialista.

Segundo Bobbio (1909), "O contrário do militarismo é o poder dos civis e não pacifismo. O contrário de pacifismo, amor e paz, é, de fato, belicosidade, amor à guerra." Logo, o militarismo pode ser destacado como modernização social, econômica e política, pois se insere na sociedade de forma que impregna na indústria e na arte, dando às Forças Armadas posição acima do governo (BOBBIO, 1909).

Ainda é pertinente confirmar que diferente do totalitarismo e do nacionalismo, o militarismo abomina decisões provenientes das questões de raça e ciência, porém exalta casta, culto, autoridade e fé. Sabe-se que todo o sentimento de nação foi transportado também para as Forças Armadas, visando obter o sacrifício da população e, segundo esta visão, para o bem-estar comum (BOBBIO,1909), e que ainda é uma política do nacionalismo contemporâneo espalhado pelos continentes em nível internacional.

Conforme Stuart Hall (1995, p.16), essas relações eram consideradas como se estivessem “jogando o jogo da identidade”. Referindo-se ao “jogo” como “instabilidade, a permanente ausência de ordem, a falta de uma resolução final”, abordando a identidade como “uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo”(Hall, 1996).

Como consequências do surgimento da globalização, a queda de barreiras interestatais e o avanço tecnológico, é possível notar que os termos de Estado Nação e Nacionalidade passaram a ter características heterogêneas, possibilitando indivíduos terem identidade transnacional, como veremos a seguir.

### 3. Movimento *Dekassegui*: Questões de Identidade, Ida ou Volta à Terra de seus Ancestrais

#### 3.1. Descendentes de Japoneses Nascidos fora do Território Japonês

No capítulo anterior, foi descrito o contexto histórico da formação das colônias japonesas no Brasil, considerado o país que possui a maior colônia japonesa fora do Japão. Por meio desta descrição, foi possível notar o sofrimento, o transtorno e as dificuldades que encontraram esses imigrantes em território brasileiro, durante todo o período de sua permanência, desde a chegada do Kasato Maru, no período em que fugiram das fazendas, devido às precárias condições de trabalho e de moradia. Inclusive, as consequências ocorridas com as colônias na Era Vargas e, por fim, o contexto do final da Segunda Guerra Mundial para os japoneses que moravam neste país.

Durante todo este percurso, foram nascendo os descendentes destes japoneses que haviam emigrado também para outros países. É importante lembrar que, mesmo nascidos no Brasil, foram educados de acordo com a língua, a cultura e as tradições japonesas e muitos não sabiam falar o português. Sendo assim, esses descendentes são chamados de *Nikkeis*.

Durante o período da década de 1980, o Brasil passou por uma fase de crise no setor econômico, social e político, ocasionando a ida de brasileiros para outros países em busca de oportunidades de trabalho e de melhores condições de vida. Comparado aos períodos anteriores da história brasileira, o país estava, neste momento, passando por uma fase contrária, ao invés de receber imigrantes, emigrava seus cidadãos.

Devido a esse processo de emigração, os *nikkeis* encontraram como melhor opção ir para o Japão, sendo conhecidos como *dekasseguis*, que significa trabalhar fora de casa. Os *dekasseguis* visaram ao Japão como melhor opção migratória, devido à experiência adquirida e, acima de tudo, por terem sido criados de acordo com a cultura de seus ancestrais. Porém, ao chegarem, os empregos que lhes foram destinados eram trabalhos de baixa qualificação, chamados pelos japoneses como 3K: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso), funções que eles recusavam. (SASAKI, 1999).

Foi em meados da década de 1980, que tivemos os primeiros vestígios de ida de *nikkeis* como *dekasseguis* com destino ao Japão. Em seguida, entre 1989 e

1990 foi um período de ascensão da chegada de descendentes de imigrantes japoneses no Japão. Vale ressaltar, que o retorno tinha como finalidade a busca de trabalho temporário e de melhores salários, porém não foi o que encontraram ao chegar. (SASAKI, 1999). Pode-se acrescentar ainda, no parecer de Bornstein (1992), que há quatro fases da imigração ilegal no Japão. Iniciando em meados da década de 1950, até 1970, quando aconteceu a entrada de coreanos, que iam trabalhar juntos com outros coreanos, que já residiam no país. A segunda fase foi na década de 1970, quando mulheres da Coréia, Filipinas e Tailândia, imigravam como esposas, com casamentos arranjados, como prostitutas, hostesses e *entertainers*<sup>1</sup>. Logo em seguida, na terceira fase, em 1985, ainda ocorreu a ida de homens da Tailândia, Bangladesh, Paquistão e Coréia, em busca de trabalho na área de construção civil. Por último, a fase mais atual, surgiu a reforma da Lei de Controle de Imigração, em 1990, com a entrada de imigrantes ilegais de origem da China e da Malásia. (SASAKI, 1999).

Essa mudança da Lei de Controle de Imigração, promulgada em 1990, visava evitar entrada de imigrantes ilegais, por meio de sanções impostas aos empregadores que os recebiam. Desta forma, durante este período, o mercado japonês estava passando por muitas dificuldades, por conta da falta de mão de obra na área de manufatura e, por isso, muitos empregadores passaram a substituir os imigrantes ilegais por descendentes de japoneses. Sabe-se que tinham fácil acesso ao país, sem restrições de exercer qualquer atividade, podiam renovar o visto quantas vezes desejassem e podiam se tornar residentes permanentes quando quisessem. (SASAKI, 1999).

Seguindo o prisma de Cornelius (1995), essa reforma ajudaria a solucionar o problema de falta de trabalhadores e sendo melhor, pois com mão de obra barata, não afetava diretamente a diversificação cultural, pois os *dekasseguis* possuem a base, ou, pelo menos, o conhecimento da cultura e tradição nipônica.

Como sublinha Yamanaka:

Os documentos oficiais, que datam de antes da reforma de 1989/90 (da Lei de Imigração Japonesa), sugerem que a manutenção da homogeneidade cultural e 'racial' é a maior preocupação dos Políticos e dos regimentos do Partido Democrata Liberal. Tais documentos sempre se referem à posse do Japão de um 'grupo étnico, uma língua' como um fator crucial que contribuiu para o milagre econômico pós-guerra. Os Nikkeis são aceitáveis porque,

---

<sup>1</sup> *Entertainers*: assim conhecidas as pessoas que trabalhavam para entreter as pessoas.

como parentes de japoneses, eles seriam capazes de assimilar a sociedade japonesa sem considerar a nacionalidade. (YAMANAKA, 1992, p.7).

### 3.2. Movimento *dekassegui*

Vale destacar que os *dekasseguis* são parentes de japoneses nascidos fora do Japão, que migram para o país motivados pela oportunidade de emprego e para adquirirem melhores salários. Porém, quando chegam, deparam-se com salários baixos e empregos que são recusados pelos nativos.

Por meio da reforma da Lei de Controle de Imigração, muitas empresas substituíram a mão de obra ilegal pelos trabalhos mais econômicos financeiramente dos *dekasseguis*, pois também tinham fácil acesso ao país e poderiam permanecer no Estado pelo período que desejassem. No tocante ao processo migratório de brasileiros *dekasseguis* para o Japão, existem especificidades expressivas a serem abordadas. Dentre elas, a primeira particularidade é a concepção de ida ou retorno à terra de seus ancestrais. Conhecido como *homeland* (descrito como lar ou país de origem), o local onde possuem sentimento de pertencimento. Contudo, é necessário perguntar que lugar seria esse no caso dos *dekasseguis*, o Brasil ou o Japão? Onde estaria a sua identidade? Na singularidade local ou na pluralidade como imigrantes nas terras brasileiras? Quem realmente eram? A qual nação pertenciam? (SASAKI, 1999).

Desta forma, se considerar o Japão como seu *homeland*, devido à consanguinidade, como terra de seus ancestrais, estariam numa situação de retorno. Por outro lado, se for consideramos que para que seja configurado um retorno é necessária uma saída, neste caso, seria apontado, não como um retorno, mas uma ida.

Vale ressaltar ainda sobre esse “mito do retorno”, que traz ao descendente um sentimento de marginalização e um transtorno da concepção sobre onde realmente pertence, qual a sua real origem, qual a sua nacionalidade e a sua identidade. Ou, pode ser considerado que seria um duplo retorno e, neste caso, teriam dois *homeland*. Em um primeiro momento, seria o retorno do *dekassegui* para o Japão, para a terra de seus ancestrais, às ‘suas origens’, neste caso, o *homeland* seria o Japão. Em um segundo momento, após sua chegada, caso se sentisse como um estrangeiro, seu *homeland* seria o Brasil. (SASAKI, 1999).

Seguem abaixo dois relatos de dois *dekasseguis*, nascidos no Japão que vieram morar no Brasil quando jovens:

Eu vim para o Brasil em 1933, quando eu tinha 3 anos de idade. E 1989 foi a primeira vez que voltei para o Japão, depois de 56 anos. Então eu fiquei contente, né?(...) O Japão foi onde eu nasci. Lá eu tenho parentes e então eu tinha vontade de ir conhecer. (...) Por mais que eu tivesse nascido lá, eu vivi mais de 50 anos no Brasil, tenho toda a família aqui, meus filhos, meus netos...Por isso, aqui [o Brasil] é a minha terra natal (Takeo,26/05/1996). (SASAKI, 1999 p. 254 ).

Da primeira vez [que fui ao Japão como dekassegui] não foi muito pela necessidade. Queria conhecer mesmo. Pela oportunidade de ganhar e conhecer lá. Aproveitei e fui onde eu nasci, em Okinawa. Eu não tenho parentes diretos aqui, estão todos lá.(...) Ninguém troca o Brasil pelo Japão, entende? Apesar de ter traços de japonês e ter vindo pequeno, eu sou brasileiro. O Brasil está dentro da gente. Agora, o Japão é uma coisa nova, você vai lá por interesse. Então, você sempre vai pensar em retornar para cá [Brasil] (Yukio, 13/08/1997). (SASAKI, 1999, p. 254/255).

É possível notar várias concepções a respeito de sua verdadeira terra natal, o seu *homeland*, pois, de acordo com estes dois relatos citados acima, ambos nasceram no Japão, porém foram morar no Brasil ainda pequenos. Devido a isso, foram criados em outro país e, mesmo sendo educados sob a influência da cultura japonesa (de acordo com os anos, mesmo com a rigidez na criação, a cultura de origem foi diminuindo, a ponto de os mais recentes descendentes, não darem tanta importância aos costumes como os mais antigos) sentem que seu *homeland* é o Brasil.

Não é possível ter uma regra concreta e geral de cada descendente, pois cada um, em sua particularidade, teve criações e experiências diferentes nas terras de seus ancestrais. É possível apenas fazer algumas afirmações a respeito. Dentre elas, que os mais antigos descendentes valorizam mais a cultura japonesa do que os mais jovens, pois foram criados pelos seus pais imigrantes, que pensavam em se estabelecer, temporariamente, no país e voltar a sua terra natal (o Japão). Por isso, foram criados falando a língua, os costumes e as tradições de seus ancestrais. Neste caso, a maioria dos descendentes sente que está voltando às terras dos japoneses - a sua verdadeira terra de origem.

Outra afirmação, referente aos mais antigos descendentes, é que quando vão ao Japão como *dekasseguis*, muitos só encontram oportunidade de trabalho no tipo de ocupação que é desprezada pelos japoneses, porém, conseguem se adaptar ao país e passam a permanecer com moradia fixa e sentem que o Japão é seu *homeland*. Já uma outra parte não consegue se adaptar, pois a xenofobia é ainda

muito presente no Japão e os imigrantes encontram dificuldades e se sentem incomodados com o preconceito. Neste caso, sentem que o Brasil é seu *homeland*.

Outra questão diz respeito ao fato de a maioria dos jovens não se importar tanto em manter a cultura de seus ancestrais e muitos não se incomodam e nem possuem interesse de conhecer as terras japonesas. Neste caso, sentem que o *homeland* é o Brasil. Já outra parte, tem interesse de conhecer o Japão e muitos já chegaram até a terra de seus ancestrais, porém o Japão ensinado pelos seus pais está completamente diferente do atual, que eles conheceram, principalmente quando soma-se à experiência migratória a xenofobia japonesa direcionada a esses imigrantes e, neste caso, muitos retornam e sentem que o Brasil é seu *homeland*. Conforme foi informado anteriormente, não é possível fazer uma análise geral de como cada Nikkei se sente em relação à sua origem, pois cada um possui sua particularidade e experiência. São sentimentos plurais e singulares que ocorrem, ao mesmo tempo, com os compatriotas, quer estejam no Brasil, ou em sua cultura de origem.

Paradoxalmente, um fator muito importante a ser destacado que é traumatizante para os *nikkei* é a xenofobia dos japoneses que vem ganhando força. Em verdade, o Japão recebeu críticas da ONU (Organizações das Nações Unidas) devido à onda de xenofobia nas ruas nos últimos anos. Foram registrados mais de 360 casos de discursos e manifestações e sentimentos racistas, apenas em 2013.<sup>2</sup>

Retornando o assunto sobre a experiência migratória dos *dekasseguis*, recorreremos a discussão sobre o contexto mais detalhado e dividido em períodos: o início da década de 1980, o final da década de 1980 e o início da década de 1990 e, finalmente, a década de 1990.

### **3.2.1. Início da década de 1980**

Foi neste período que surgiram os primeiros casos de ida de *dekasseguis* para trabalhar e residir temporariamente no Japão. A princípio, não encontraram dificuldades de entrar no país, pois seu perfil era das primeiras gerações, *issei* e *nissei* e, desta forma, ou tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (poderiam entrar como japônês), além de possuírem uma faixa etária mais

---

<sup>2</sup> TOBACE, Ewerthon . Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908\\_discriminacao\\_etnica\\_japao\\_et\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908_discriminacao_etnica_japao_et_rm)> Acesso em 10 de setembro de 2014.

avançada. Na maioria dos casos, chefes de família, que tinham domínio da língua japonesa e pretendiam se estabelecer temporariamente no Japão. (SASAKI, 1999).

Paralelamente, o Brasil neste período estava passando por uma fase de alto índice de desemprego, devido à recessão econômica e inflação, sendo considerada uma década perdida. Sales (1995/96) lança atenção para o fato de que:

O fator político teve um peso na balança dessas migrações internacionais brasileiras, se se considerarem as esperanças e frustrações dos primeiros anos de nossa redemocratização” (SALES, 1996, p.70).

Porém, neste mesmo período, o Japão estava passando por um *boom* econômico, entre os anos 1986 e 1991. O país possuía uma grande demanda de serviços de pequenas empresas, que eram contratadas pelas grandes empresas e, devido a isso, influenciou toda a cadeia, pois estas pequenas corporações contratavam mão de obra estrangeira. A maioria dos jovens formados e recém-formados japoneses rejeitava trabalhar nestas pequenas companhias, pois eram vistos como um jovem sem futuro e sem possibilidades de crescimento.

Por todos estes motivos, optaram por trabalhar nas grandes empresas mais concorridas e com oportunidades de crescimento profissional. Em seguida, muitas destas pequenas empresas faliram e as outras buscaram outro tipo de mão de obra mais barata e, neste caso, a estrangeira, por pessoas que visavam não permanecer muito tempo no país.

Com essa carência de mão de obra, as empresas clamaram modificação na política de imigração, passando a procurar trabalhadores fora do Japão. O resultado disso foi que aumentou o índice de imigrantes ilegais, que na maioria dos casos, vinham de países asiáticos. Após esta entrada de imigrantes ilegais, o país passou a dar preferência aos descendentes de japoneses. Certamente, neste caso, visaram aos nikkeis nascidos nos países latino-americanos, pois se adaptariam mais facilmente, devido à sua aproximação étnico-cultural, vindos como *dekasseguis*.

Na reflexão de Kawamura (1997):

A seletividade de migração internacional para o Japão já define e situa a população Nikkei numa posição privilegiada, tanto no mercado de trabalho japonês, como no conjunto dos trabalhadores estrangeiros. Apesar disso, os brasileiros fazem parte da periferia do mercado de trabalho no Japão, com outros trabalhadores locais empregados em trabalho temporário não-qualificado. (KAWAMURA, 1997 p.63.)

Devido a esse trâmite migratório, surgiram as primeiras redes sociais migratórias com atores sociais que selecionavam a mão de obra estrangeira e, ao mesmo tempo, exploravam os *dekasseguis*, absorvendo uma grande margem de lucro, como agentes intermediários. Estes dirigentes ficavam responsáveis por procurar empresas com carência de serviços, buscando suprir suas necessidades e conseguir mão de obra barata e, ao mesmo tempo, recrutavam imigrantes que se encaixavam nas exigências e necessidades destas empresas.

### **3.2.2. Final da década de 1980 e início da década de 1990**

É possível notar que esse período foi caracterizado como a massificação do movimento *dekassegui*, pois obteve a maior taxa de crescimento da entrada de brasileiros no Japão.

Com a reforma da Lei de Controle de Imigração, em 1990, foram apresentadas maiores exigências à entrada de imigrantes. Desta forma, a preferência era a entrada de descendentes japoneses, pois além de não sofrerem dificuldades em adaptação, não afetariam e nem influenciariam a cultura japonesa, em grandes proporções, por possuírem conhecimento e cultura cultivados por seus ancestrais, comparada à entrada de estrangeiros de culturas completamente distintas. Não é segredo que grande parte destes *dekasseguis* saíram do Brasil, pois é onde possui a maior colônia japonesa fora do Japão. (SASAKI, 1999).

No ano de 1990, Fernando Collor assumiu a presidência do Brasil. Em seu governo, foi instituído o Plano Collor, onde as poupanças dos brasileiros foram confiscadas. Foi considerado um período marcado pela instabilidade econômica e política. Desta forma, ocorreu mais um marco que influenciou um grande crescimento de emigração de brasileiros.

Com o tempo, por meio desta entrada de *dekasseguis* brasileiros no Japão, foi possível notar o estreitamento das relações entre eles: tanto os que estavam no Brasil e os que já haviam emigrado. Não resta dúvida de que passaram a fazer negócios de entrada e saída de produtos, com trocas comerciais e passou a existir o chamado “negócios de *dekassegui* para *dekassegui*”. (SASAKI, 1999).

Foi notável a percepção de uma nova geração de *dekasseguis*, com perfil diferente: uma geração mais avançada (segunda e terceira geração), mais jovem, com menos necessidade de aprender a falar e utilizar o japonês e, em sua maioria,

solteiros no Brasil. A consequência disso foi que a visão que possuíam de *dekasseguis* foi mudando, pois anteriormente eram vistos como algo vergonhoso e passaram a ser vistos como uma oportunidade de conhecer a terra de seus ancestrais e de oportunidade de trabalho, com melhores salários, mesmo sendo em subempregos ou com empregos inferiores aos que tinham no Brasil.

### **3.2.3. Década de 1990**

Foi em 1994, que FHC (Fernando Henrique Cardoso) assumiu a presidência do Brasil e deu continuidade ao novo plano que havia sido instaurando anos antes de ser presidente. Nesse novo plano, havia sido trocada a moeda brasileira para o Real, equiparada à moeda norte-americana.

Neste mesmo período, ocorreu uma diminuição na entrada e saída de *dekassegui*, devido ao maior tempo de permanência dos *dekasseguis* no Japão. Houve também, o aumento de famílias de *dekasseguis* no Japão, ocasionando o nascimento de filhos de *dekasseguis* nascidos no Japão. De acordo com o Estado de São Paulo (31/01/1997:T-15): “O governo japonês identificou a forte presença de *dekassegui*, no país, com o nascimento de quatro mil crianças por ano, descendentes de brasileiros.”

Vale destacar ainda que o número de entrada e saída de *dekasseguis*, no Japão, não houve grande alteração, nem aumentou e nem diminuiu esse fluxo. Explicitamente, é uma identidade que se metamorfoseia a cada momento, que se torna singular e, obviamente, interessante para reflexões e estudo. (SASAKI, 1999).

Desta forma, é possível notar que com o nascimento dos filhos dos *dekasseguis* e a consequente ascensão de uma nova geração ainda mais mista, surgiram questionamentos de onde seria sua real origem, o que gerou diversas discussões e relatos a respeito, pois cada indivíduo possui experiências individuais pela qual influencia e constrói a sua própria identidade.

### **3.3. A Identidade japonesa em uma formação rochosa**

Tal panorama de sobrevivência japonesa ainda se projeta em Recife, capital do Estado de Pernambuco, no nordeste do Brasil, conhecida pelos seus arrecifes, as

formações rochosas submersas a poucos metros de profundidade. A simpatia e boa receptividade do povo fizeram com que, desde 23 de novembro de 1997, o Festival de Cultura japonesa do Recife se transformasse em um evento anual.

Nesta celebração, são recepcionados artistas japoneses, assim como a exposição da cultura japonesa, como artesanato, gastronomia, música e artes marciais. Diante desse cenário contemporâneo, vê-se que a identidade dos japoneses ainda é compactuada com os recifenses, que se fantasiam com roupas de seus ídolos japoneses, nesta festa.

No dia 23 de novembro de 2014, foi realizada a XVIII edição do Festival da Cultura Japonesa no espaço do Recife Antigo, com o envolvimento de quase 40 mil pessoas. Inclusive, o protagonista foi o cônsul do Japão, que “*quebrou a tampa do barril de saquê*”, o marco da abertura do evento. Isto comprova que os laços não se perderam, no decorrer dos séculos, entre as duas etnias tão diferentes, mas que continuam compactuando suas histórias e culturas.<sup>3</sup>

### 3.4 Globalização e paradigma da transnacionalidade

De acordo com Souza Santos, através da Globalização ocorreu o enfraquecimento do Estado Nação, pois mesmo com aspectos positivos da globalização que trouxe o crescimento e avanço de muitos países, ele aborda os aspectos negativos:

[...] o Estado nacional já não é mais visto como poder soberano (summa potestas), enfrentando, assim, uma desconhecida e inusitada crise. (STELZER, 2009, p.87)

[...] o Estado vê sua dissolução estampada pelo avanço do poder econômico das megacorporações, pelo anseio neoliberal de uma expansão sem controle e, até mesmo, pela sua população, descrente que está de sua função pública de proporcionar segurança, emprego, saúde, educação, entre outras funções sociais. (FERRER, apud SABBÁ, 2013, p.142)

Em 1992, Ferrer e Cruz referem que a respeito do Paradigma da Transnacionalidade, onde podemos notar os conhecidos como cidadão do mundo:

[...] a globalização pode ajudar em três sentidos: poder fazer evidente a interdependência; ter despertado o pluralismo da diversidade e ter ampliado a várias camadas da população mundial a sensação de pertencer a uma

---

<sup>3</sup> JC Online. **Feira Japonesa do Recife entra na 18ª edição neste domingo**. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/11/21/feira-japonesa-do-recife-entra-na-18-edicao-neste-domingo-157342.php>> Acesso em 21 de novembro de 2014

realidade transnacional e, também, transestatal, capaz de despertar os vínculos de solidariedade imprescindíveis para a emergência de uma sociedade global [...] (FERRER E CRUZ, 2010, p.11-18).

É possível notar que a globalização trouxe para a população mundial diversas vantagens, a partir da queda de barreiras entre os Estados. Além da facilidade de locomoção, a abertura das trocas comerciais e a entrada no mercado nacional de empresas estrangeiras, possibilitou o fácil acesso a todos tipos de mercadorias. Em consequência disso, a entrada e saída de indivíduos ou como migrantes ou como turistas, houve incremento das relações entre esses cidadãos de diferentes Estados e tornou-se notável a influência da cultura estrangeira no território nacional.

Esse contato que aproximou as culturas estimulou o processo de enfraquecimento do Estado Nação, pois o estrangeiro desperta o interesse por ser diferente e traz novas (e até melhores) oportunidades.

Diante disso, vemos que a cultura nacional deixa de ser homogênea quando sofre influência estrangeira. Isso pode significar um enriquecimento da cultura nacional e amplificação das trocas de conhecimentos técnicos, científicos e relacionais.

Nesse sentido, compreende-se como positivo o contato entre indivíduos de diversas nacionalidades, destacando-se o sincretismo como elemento de melhor entendimento entre as nações do globo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando todo o contexto histórico da imigração japonesa no Brasil, desde a política de migração, da fuga das fazendas dos fazendeiros, da criação de colônias, após passar pela Segunda Guerra Mundial com a derrota japonesa, até o surgimento da política de reimigração de seus descendentes, foram fases traumáticas para esta população que, apesar de tudo, sobreviveu aos constantes abalos em sua identidade.

Devido ao racismo e perseguições sofridas pela população das colônias japonesas, foram tratados como uma ameaça à sua etnia, já que o brasileiro tinha de lidar com as relações com os negros, com os indígenas e com os estrangeiros, porém os japoneses eram os mais indesejáveis. Incrivelmente, essa rejeição fortificou o nacionalismo dos japoneses que moravam nas colônias e fizeram com que perpassassem inúmeras décadas, em luta constante, por uma vida digna.

Os conflitos continuaram, sempre fortes, vindos de um poder local contra os considerados, quase forasteiros, mas recebia também eco do outro lado, que não se submetia aos caprichos dos brasileiros, que acreditavam pertencer a uma raça superior. Entende-se que cada um visava às suas intenções de formar sua identidade, apesar de confusa e de difícil gestão.

Por todas essas razões, pode-se dizer que a respeito dos descendentes de japoneses, que ocorre um paradoxo interno: uns se sentem pertencentes ao Japão, neste caso que o Japão é seu homeland, outros ao Brasil como seu homeland e, uma parte não se sente pertencente a nenhum desses países, outra camada se sentem pertencentes aos dois, mas para muitos, seu homeland é a colônia em que nasceram. Diferentemente do patriotismo, que é o amor à pátria, ao território nacional, pois o nacionalismo é a fidelidade à sua etnia e ao seu grupo étnico, que compartilha a mesma cultura, tradições e cotidiano.

É possível afirmar que vem ocorrendo um enfraquecimento do Estado Nação, e que os termos econômicos e culturais estão sendo atravessados pelos fluxos culturais estrangeiros. Para a construção dessa identidade, podemos notar que além de todos os elementos descritos neste trabalho, existe um fator que influencia todos esses elementos que é a Globalização.

Deve-se reconhecer que através da globalização e com as quedas das barreiras entre os Estados, encontram-se os cidadãos do mundo. Através da transnacionalização do trabalho e produção, barateamento do transporte, avanço tecnológico e das comunicações e da internacionalização da economia, o indivíduo passou a ter a identidade híbrida e transnacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKIO, Armando. **Imigração japonesa: museus, história e depoimentos**. Disponível em <[http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page\\_id=66](http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

ARENT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. 3.ed. São Paulo: Schwarcz, 1998.

BEASLEY, William. **Modern Japan**. Tokyo: Charles Tuttle, 1989.

BOBBIO, Norberto, **Dicionário de Política**, 11 ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, v.1.

BORNSTEIN, Lisa. **From carioca to karaokê: Brazilian guesworkers in Japan**. Berkeley Planning Journal, Rio de Janeiro, v.4. 1992.

CASTELLS, Manuel. **Paraísos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede**. São Paulo, Editora Paz e Terra S.A., 1999.

CORNELIUS, Wayne A. **Japan: the illusion of immigration control**. In Martins, Phillips L. & Hollifield, James F. (eds.). *Controlling Immigration – a global perspective*. Standford: Standford University Press, 1995.

CRUZ, Paulo Márcio; FERRER, Gabriel Real. **Os novos cenários transnacionais e a democracia assimétrica**. Revista Unopar Científica: Ciências Jurídicas e Empresariais, v. 11, 2010, p. 11-18.

DA SILVA E SILVA, Rafael: **O Drama da Colônia Japonesa de Santos Durante a Era Vargas (1937 – 1945)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011.

DO AMARAL, J.T.: **SCI – Sistema Consular Integrado**. Disponível: <[http://daimre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1895/b\\_89/](http://daimre.serpro.gov.br/atos-internacionais/bilaterais/1895/b_89/)> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

DOMINGUES, Nadeja. **Shinheads: repensando sobre o nacionalismo radical na Rússia nos anos 1990**. Curitiba, 2010.

GELLNER, Ernest. **Nations and nationalism**, Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006.

JC Online, Feira Japonesa do Recife entra na 18ª edição neste domingo. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/11/21/feira-japonesa-do-recife-entra-na-18-edicao-neste-domingo-157342.php>> Acesso em 21 de novembro de 2014.

KAWAMURA, Lili. **Trabalhadores brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural**. Campinas: Faculdade de Educação/ Unicamp, 1997. (Tese de Livre Docência).

M.ALBERTINI, **Lo Stato nazionale**, Guida, Napoli 1981<sup>2</sup>, Id., L'idée de nation, in L'idée de nation. PUF: Paris 1969.

\_\_\_\_\_. Id., **Il Risorgimento e l'unità europea**. Guida. Napoli 1979.

MAUSS, Marcel. 1956 [1920]. **La Nation.L'Année Sociologique**, 3eme série, (1953-1954) Paris: PUF.

NINOMIYA, Masato: **O centenário do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão**. Disponível: <<http://www.usp.br/revistausp/28/17-massato.pdf>> Acesso em 13 de Jul. de 2015.

SILVA E SILVA, Rafael da: **O Drama da Colônia Japonesa de Santos Durante a Era Vargas (1937-1945)**. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849959\\_ARQUIVO\\_ODramadaColoniaJaponesadeSantosDuranteaEraVargas\(1937a1945\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849959_ARQUIVO_ODramadaColoniaJaponesadeSantosDuranteaEraVargas(1937a1945).pdf)> Acesso em: 13 de Jul. de 2015.

SALES, Teresa. **O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais**. In. Patarra, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1995.

SASAKI, Elisa Massae. **O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui**. Campinas:IFCH/ Unicamp, 1998. (Dissertação de Mestrado).

SMITH, Anthony. **The ethnic origins of nations**. Oxford: Blackwell, 1986.

\_\_\_\_\_. **National identity**. London: Penguin, 1991.

TIPTON, Elise K. **Modern Japan: a social and political history**. London: Routledge Taylor & Francis e-Library, 2003.

TOBACE, Ewerthon . <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908\\_discriminacao\\_etnica\\_japao\\_et\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140908_discriminacao_etnica_japao_et_rm)> Acesso em 13 de julho de 2015.

WEBER, Max. **A nação. Ensaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. **Relações comunitárias étnicas**. Economia e Sociedade, vol. 1. Brasília: UNB, 1994.

YAMANAKA, Keiko. **Return migration of Japanese-Brazilian to Japan: the nikkeijin as ethnic minority and political construct**. Toronto, Universidade de Toronto, 1996.

Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2009. **Imigração Japonesa: Museus, História e depoimentos**. Disponível: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/index.php>> Acesso em 13 de julho de 2015.

Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB,1990). **Pesquisa da População de descendentes de japoneses residentes no Brasil, 1987-1988**.